



Novos Cadernos NAEA

v. 26, n. 2 • maio-ago. 2023 • ISSN 1516-6481/2179-7536



A RELAÇÃO CULTURA E NATUREZA E A DIVERSIDADE DOS AGROECOSSITEMAS CAMPONESES: UMA PERCEPÇÃO ESTÉTICO-VISUAL

THE RELATIONSHIP BETWEEN CULTURE AND NATURE
AND THE DIVERSITY OF PEASANT AGROECOSYSTEM:
AN AESTHETIC-VISUAL PERCEPTION

Clara Soares de Freitas Guimarães  

Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG, Brasil

Maria Alice Fernandes Corrêa Mendonça  

Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG, Brasil

Irene Maria Cardoso  

Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG, Brasil

RESUMO

Este artigo aborda a relação cultura/natureza a partir da manifestação do cultivo e da conservação de sementes crioulas na mesorregião da Zona da Mata, em Minas Gerais. O trabalho é resultante de uma pesquisa qualitativa realizada com agricultores(as) familiares camponeses(as) inseridos(as) na rede de agroecologia local. Para tanto, ancoramo-nos em três instrumentos de coleta de dados como estratégia metodológica. São eles: pesquisa documental, entrevistas semiestruturadas e análise estético-visual das fotografias e dos vídeos enviados pelos(as) entrevistados(as). Verificou-se que as sementes crioulas são fruto dos significados-usos e da percepção estética de agricultores(as) em relação ao agroecossistema no qual estão inseridos(as). As sementes crioulas diversificam as paisagens e simbolizam a resistência ontológica da agricultura familiar camponesa. A sua diversidade e a memória biocultural a elas associada são fundamentais no manejo agroecológico dos agroecossistemas. A memória biocultural desses(as) agricultores(as) expressa conhecimentos reveladores de outras formas de se relacionar com os ecossistemas e de viver e habitar o território, evidenciando cosmologias, que não correspondem às perspectivas dominantes de desenvolvimento definidas pela sociedade moderna capitalista.

Palavras-chave: sementes crioulas; agroecologia; significados-usos; percepção estética; ancestralidade.

ABSTRACT

The article discusses the relationship between culture and nature as a manifestation of the cultivation and conservation of creole seeds in the mesoregion of Zona da Mata-MG. The article is the result of a qualitative research carried out with peasant family farmers inserted in the region's agroecology network. Anchored in three data collection instruments as a methodological strategy, which are: documentary research, semi-structured interviews and analysis of photographs and videos sent by respondents. It was found that creole seeds are the result of meanings-uses and the aesthetic perception of farmers in relation to the agroecosystem in which they are inserted. Creole seeds diversify landscapes and symbolize the ontological resistance of peasant family farming. The diversity of native seeds and the biocultural memory associated with them are fundamental in the agroecological management of agroecosystems. The biocultural memory of these farmers express knowledge that reveals other ways of relating to ecosystems, of living and inhabiting the territory, highlighting other cosmologies that do not correspond to the dominant perspectives of development defined by modern capitalist society.

Keywords: landraces; agroecology; meanings-uses; aesthetic perception; ancestry.

1 INTRODUÇÃO

A separação entre os seres humanos e os demais seres vivos e não vivos é um dos paradigmas do pensamento moderno, que se baseia na contraposição da sociedade humana a uma natureza anômica (DESCOLA, 2015; GIRALDO; TORO, 2020). Essa cisão entre os seres corresponde à perspectiva ontológica predominante na modernidade (DESCOLA, 2015), que compreende a natureza e a cultura dissociadamente (LATOURE, 1994).

Sendo assim, a modernidade não concebe os diferentes modos de organização sociocósmica, ou seja, de associação e concepção de humanos e não humanos (DESCOLA, 2015). Por isso, para Toledo e Barrera-Bassols (2008), é marcada pela intolerância a qualquer outra forma de tradição que não a sua. Como consequência, as concepções modernas de interação entre humanos e não humanos deslegitimam todos os demais modos de vida, incluindo as práticas agrícolas e os conhecimentos a elas associados (DESCOLA, 2015; LATOUR, 1994).

Nessas condições, a modernidade unifica a natureza e não considera as peculiaridades e os diversos sentidos que lhe são atribuídos. Valida apenas o que interessa ao capital, o que permite a geração de mercadorias e o aumento dos investimentos internacionais (SANTOS, 1992). Afirmar a modernidade implica subjugar outras concepções e silenciar populações camponesas, invisibilizando o seu rico e diversificado conhecimento bem como as suas formas de interagir e de se relacionar com os ecossistemas nos quais estão inseridas (ESCOBAR, 1996; PORTO-GONÇALVES, 2012).

As concepções não modernas apresentam outras perspectivas sobre a natureza e a cultura, revelando diferentes formas de resistência e estratégias frente às lógicas capitalistas (ESCOBAR, 2005a). Por exemplo, estão baseadas no local e na ampla e complexa rede de interações entre os humanos e os ecossistemas, que é permeada por sensações, sentidos, afetos e saberes, podendo ou não corresponder às concepções modernas (ESCOBAR, 2005a; TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2008; GIRALDO; TORO, 2020).

Essa rede de interações resulta na memória biocultural. Trata-se de uma manifestação da cultura e dos conhecimentos sobre a natureza, construída a partir das observações do ambiente e mantida, transmitida e aperfeiçoada ao longo de milhões de anos (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2008; TOLEDO; BARRERA-BASSOLS; BOEGE, 2019). A memória biocultural é um modo de

consciência baseado em uma memória individual e coletiva, constituidora de um conjunto de significados-usos e que retém as especificidades do local (ESCOBAR, 2005a; TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2008). A sua importância ecológica, de acordo com Toledo e Barrera-Bassols (2008), expressa-se nomeadamente no trabalho de populações rurais (entre as quais, as camponesas), na manutenção e no enriquecimento da agrobiodiversidade.

A agrobiodiversidade é a diversidade biológica, que se faz fundamental para a agricultura e a produção de alimentos (FAO, 2019). Ela é resultado de um amplo conhecimento ecológico sobre as condições locais, tanto culturais quanto ambientais, desenvolvido e mantido por seres humanos há milhares de anos (FAO, 2019; TOLEDO; BARRERA-BASSOLS; BOEGE, 2019). Na base da agrobiodiversidade dos sistemas agrícolas, estão as sementes, aqui compreendidas como qualquer material de propagação vegetal (SANTILLI, 2012). As sementes possuem uma ampla diversidade genética, o que possibilita diferentes formas de seleção de variedades a partir de cada contexto (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS; BOEGE, 2019). As que são apuradas e domesticadas dentro dos territórios denominam-se comumente como crioulas.

A pergunta, que instiga este estudo, está em como ocorre a relação entre natureza e cultura a partir do cultivo e da conservação de sementes crioulas na mesorregião da Zona da Mata, em Minas Gerais. Nesta pesquisa, buscou-se compreender, a partir de uma percepção estético-visual, de que forma a agrobiodiversidade, aliada à memória biocultural, opera na construção de uma resistência e de uma resiliência enquanto estratégias de sobrevivência e de luta das culturas e populações camponesas.

Este artigo está dividido nestas notas conceituais introdutórias, seguidas pelas incursões metodológicas. Na parte dedicada aos resultados e discussões, revelam-se as paisagens agroecológicas, os significados-usos e as percepções estéticas na construção da agrobiodiversidade, as crenças e a ancestralidade incidentes sobre a conservação das sementes. Encerrando, nas considerações finais, são tecidos alguns apontamentos derivados das análises.

2 METODOLOGIA

A pesquisa de campo foi realizada na Zona da Mata de Minas Gerais, região inserida no bioma da Mata Atlântica, considerado um dos *hotspots* de biodiversidade do planeta (MYERS *et al.*, 2000). Na Zona da Mata, predomina o relevo montanhoso, o que é um dos fatores que proporcionou a prevalência da agricultura familiar camponesa e a paisagem diversificada, “entendida como um mosaico dinâmico de usos da terra, dominado por pastagens, cafezais e áreas de florestas” (TEIXEIRA *et al.*, 2018, p. 3). Os municípios de Araponga (MG), Divino (MG) e Espera Feliz (MG), onde esta pesquisa foi desenvolvida, conectam duas importantes áreas de conservação da Mata Atlântica: o Parque Nacional do Caparaó e o Parque Estadual da Serra do Brigadeiro.

Esses três municípios possuem uma forte presença da rede de agroecologia da Zona da Mata por meio da inserção de agricultores(as) familiares camponeses(as), que desenham os seus sistemas de cultivos a partir dessa perspectiva e a fortalecem nos seus espaços de organização, como os sindicatos de trabalhadores rurais e da agricultura familiar, as associações e as cooperativas. Em Araponga, Divino e Espera Feliz, um dos pontos de fortalecimento da agroecologia são os intercâmbios agroecológicos implantados em 2008, em parceria com o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM). Esses espaços têm como objetivo socializar o conhecimento das famílias agricultoras, fortalecer as suas histórias, as suas memórias e valorizar a identidade camponesa (ZANELLI *et al.*, 2015).

A coleta dos dados foi realizada em três etapas distintas. A primeira ocorreu por meio de uma pesquisa documental (GERHARDT *et al.*, 2009), em que foram analisados 57 relatórios de intercâmbios agroecológicos realizados nos municípios, entre os anos de 2007 e 2019. Também foram estudados 22 boletins denominados “Nossa Roça”, produzidos a partir de experiências de agricultores(as) familiares camponeses(as) de Araponga, Divino e Espera Feliz. Esses materiais foram examinados por uma matriz de sistematização constituída por 25 perguntas orientadoras, que permitiram selecionar as informações consideradas relevantes para esta pesquisa. Para este artigo, foram escolhidas dez questões, que estão descritas no Quadro 1.

Quadro 1 – Questionamentos levantados na matriz de sistematização, 2020

Perguntas orientadoras da matriz de sistematização
1. Quais práticas camponesas indicam a centralidades das sementes crioulas?
2. Como a memória biocultural está presente nas práticas camponesas?
3. Como as sementes crioulas se relacionam com o modo de vida camponês?
4. Como a memória biocultural está presente no modo de vida camponês?
5. Quais funcionalidades são atribuídas às sementes crioulas?
6. Como a memória biocultural se relaciona com a funcionalidade atribuída às sementes crioulas?
7. Como as sementes crioulas contribuem para a conservação da agrobiodiversidade?
8. Como a memória biocultural se relaciona com a conservação da agrobiodiversidade?
9. Como as expressões culturais são percebidas nas sementes crioulas?
10. Como a memória biocultural se apresenta nas expressões culturais?

Fonte: Extraído de dados de campo, 2020.

Na segunda etapa da coleta de dados, foram realizadas dez entrevistas semiestruturadas (GERHARDT *et al.*, 2009), guiadas por um roteiro dividido em três tópicos. O primeiro tratou da identificação dos(as) guardiões(ãs) de sementes crioulas. No segundo, os(as) entrevistados(as) contaram um pouco sobre a história da sua família e a da propriedade. Por fim, o terceiro focou nas relações entre esses atores e as sementes crioulas. As entrevistas permitiram que os(as) agricultores(as) familiares camponeses(as) falassem livremente a partir dos temas propostos.

De forma associada às entrevistas, realizadas remotamente utilizando-se as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDICS) - por meio de ligações de voz por *WhatsApp*, agricultores(as) familiares camponeses(as) da rede de agroecologia da Zona da Mata compartilharam fotografias e vídeos como uma forma de exemplificar alguns pontos levantados durante as conversas. A aplicação de imagens em histórias orais contribui para evocar memórias, que uma entrevista não alcançaria. Analiticamente, pressupõe-se que muitos de nós usamos os olhos para ler (LOIZOS, 2008).

A partir disso, a terceira etapa da coleta de dados consistiu na análise estético-visual das fotografias e dos vídeos, que foram compartilhados por sete dos dez entrevistados(as). No total, foram disponibilizados 57 fotografias e seis vídeos, interpretados a partir das técnicas da antropologia visual, que compreende que esses materiais audiovisuais expressam o olhar dos sujeitos sobre o contexto no qual estão inseridos (AGUIAR; VERCH;

KUBO, 2016). Dessa forma, realizou-se um exame estético (GIRALDO; TORO, 2020) por meio de um olhar para a intensidade das percepções do “sentir” apresentadas pelos(as) agricultores(as) nas fotografias e vídeos. O Quadro 2 traz a listagem dos(as) agricultores(as) entrevistados(as) para este estudo:

Quadro 2 – Caracterização dos(as) participantes da pesquisa, 2021

Nome	Participação/Colaboração	Origem/localidade
Catirumbava	Fotografias/entrevistas	Zona rural de Espera Feliz (MG)
Araçari	Fotografias/entrevistas	Zona rural de Divino (MG)
Guará	Fotografias/entrevistas	Zona rural de Espera Feliz (MG)
Tietinga	Entrevistas	Zona Rural de Araponga (MG)
Tiê	Entrevistas	Zona rural de Divino (MG)
Sanhaçu	Fotografias/entrevistas	Zona rural de Divino (MG)
Benedito	Entrevistas	Zona rural de Divino (MG)
Tangara	Fez contribuições em entrevista	Zona rural de Divino (MG)
Guaxe	Fotografias/entrevistas	Zona rural de Espera Feliz (MG)
Pavó	Fotografias/entrevistas	Zona rural de Divino (MG)
Gaturamo	Entrevistas/Fotografias	Zona rural de Divino (MG)

Fonte: elaborado a partir dos dados do campo (2021).

Os dados coletados foram observados a partir de uma análise de conteúdo temática (GERHARDT *et al.*, 2009), especificamente por um eixo denominado “relação cultura e natureza”. Para tanto, foram adotadas duas categorias de análise: percepções estéticas; e significados-usos da agrobiodiversidade, ancestralidade e crenças. Buscou-se, assim, compreender a paisagem relacionada ao cultivo e à conservação da agrobiodiversidade bem como as lembranças, as memórias e as relações espirituais, que permeiam o cultivo e a conservação das sementes crioulas. Essa organização dos dados coletados possibilitou desenvolver os resultados, que serão apresentados a seguir.

3 RESULTADO E DISCUSSÃO

3.1 PAISAGENS AGROECOLÓGICAS: SIGNIFICADOS-USOS E PERCEPÇÕES ESTÉTICAS NA CONSTRUÇÃO DA AGROBIODIVERSIDADE

Significados-usos e percepções estéticas são as categorias analíticas utilizadas neste estudo para compreender as paisagens dos(as) camponeses(as) agroecológicos(as) da Zona da Mata de Minas Gerais.

Adotou-se esse caminho, pois as interações de agricultores(as) familiares com os agroecossistemas nos quais estão inseridos(as), em toda a sua complexidade, estão associadas à atribuição de significados-usos e a uma compreensão estética (GIRALDO; TORO, 2020), que articulam os gostos culturais às condições ambientais específicas. Dessa forma, possibilita-se a existência de uma diversidade nesses e desses sistemas agrícolas (ULLOA, 2009), que se reflete nas suas paisagens, compreendidas também como micro-habitats (GLIESSMAN, 2001).

Durante esta pesquisa, os três alimentos mais mencionados pelos(as) agricultores(as) e com maior presença nas fotos foram o café (cultura perene dessas paisagens), o milho e o feijão (culturas anuais, que se apresentam nas entrelinhas do café). O cultivo dos três de forma consorciada pode ser observado na Figura 1.

Figura 1 – Interação de cultivos consorciados de: a) consórcio entre café novo, milho e feijão na lavoura do Pavó, município de Divino (MG); b) feijão brotando na lavoura do Guaxe; c) consórcio entre café e milho na lavoura do Sanhaçu



Fonte: Pavó (a); Guaxe (b); Sanhaçu (c), 2021.

A cultura do café, sempre mencionada pelos(as) agricultores(as), está presente em todos os agroecossistemas dos(as) entrevistados(as) devido à sua importância comercial (é uma *commodity* de exportação), refletindo as políticas de modernização da agricultura, que atuaram na Zona da Mata de Minas Gerais, na década de 1970 (OLIVEIRA, 1985). Ações de assistência técnica e de extensão rural, articuladas ao crédito agrícola, incentivaram a implantação de lavouras do grão a partir do uso do pacote tecnológico da Revolução Verde, que incluiu adubos químicos, agrotóxicos, sementes e mudas comerciais (OLIVEIRA, 1985). Wilson (2021) aponta que a cultura do café inseriu esses(as) camponeses(as) dentro da racionalidade moderna capitalista (QUIJANO, 2014), mas não totalmente, já que o cultivo foi ressignificado por meio da diversificação dos agroecossistemas pela perspectiva da agroecologia.

Essa perspectiva se reflete na construção de paisagens a partir da criação de significados-usos e percepções estéticas (GIRALDO; TORO, 2020), envolvendo a cultura do café. O plantio não objetiva apenas a produtividade e a lucratividade econômica (lógica moderna capitalista), mas considera também outros aspectos importantes para esses(as) agricultores(as) familiares camponeses(as). Entre eles, está o não uso do “veneno”, como apontou o entrevistado Catirumbava, para quem o “lucro está em não ficar doente” e em alimentar a família com comida saudável.

A segurança e a soberania alimentares das famílias levam à diversificação da paisagem (OLIVEIRA, 2013). Dessa forma, o milho e o feijão estão sempre presentes nesses agroecossistemas. Esses(as) agricultores(as) referem-se ao milho com muito orgulho e apontam a sua grande importância para a alimentação humana e para a dos animais. O seu cultivo está intrinsecamente relacionado à conservação de variedades crioulas, que possuem características apreciadas, como a resistência ao caruncho, a adaptação ao consórcio com o café, a qualidade para o preparo de um bom mingau ou de um bom angu¹ e a aceitação pelas criações animais.

Nove dos dez entrevistados(as) cultivam, há mais de cinco anos, pelo menos uma variedade do seu próprio milho crioulo, resultante da interação desses atores com o ecossistema no qual estão inseridos. Um dos participantes da pesquisa, Araçari, conta que conserva quatro “especialidades” (variedades) de milho, cada uma com as suas especificidades. Essas características são

¹ O angu é uma das receitas mais populares em todo o estado de Minas Gerais, está presente quase todos os dias na alimentação dessas famílias. É feito com o fubá e a farinha de milho.

selecionadas a partir da experiência prática cotidiana e das percepções estéticas desses(as) agricultores(as). Já Gaturamo relata que, junto ao seu pai, foi selecionando um milho que cresce pouco. Segundo conta, para a família, essa característica é vantajosa, já que o grão é plantado na entrelinha do café. Ao mesmo tempo, considera ser essa uma variedade “boa para tudo” desde para fazer um angu até para alimentar as criações.

O cultivo e a conservação do milho na Zona da Mata estão associados a um conjunto de significados-usos construídos a partir da experiência concreta de adaptação das suas variedades aos agroecossistemas locais, feita pelos(as) agricultores(as) familiares camponeses(as). Essas variedades crioulas não são estáticas: estão em constante evolução e adaptação às condições ambientais, às formas de manejo, aos hábitos alimentares e resultam do equilíbrio entre natureza e cultura (CUNHA, 2013).

O milho também está ligado às práticas de cultivo desenvolvidas ao longo de gerações. O agricultor entrevistado Benedito conta que aprendeu com o pai que o milho nunca deve ser plantado na mesma área do ano anterior. Relata não saber o porquê, mas disse que já tentou fazer diferente e o grão não se desenvolveu bem. Guará, outro participante, corrobora que o cultivo necessita ser feito em uma área “descansada” e, todo ano, é preciso escolher as melhores espigas para guardar as sementes, que serão usadas na safra seguinte. Além disso, “um outro fator também é fazer a colheita do milho na época certa, porque todo milho tem a época certa, as pessoas, assim, plantam a semente tem a época certa de colher, porque muitos colhem na mingunte para não carunchar” (informação verbal)².

Essas falas indicam que as sabedorias dos(as) camponeses têm como base as experiências deles(as) com o mundo. A partir daí, consolidam-se os significados-usos ao longo do tempo (GIRALDO; TORO, 2020; TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015).

As variedades de milho são muito características de cada família agricultora camponesa, que seleciona, cultiva e conserva os tipos de acordo com o seu contexto e as suas experiências. Segundo a participante Tiê, os(as) agricultores(as), de uma forma geral, têm um “milho de paiol”, ou seja, um que sempre plantam e sobre o qual já conhecem bem. Para ela, é bom possuir outras variedades, mas, via de regra, a preferência é por cultivar um milho já do local, “que tem ali”. A relação de Tiê com o grão apresenta semelhanças com a descrita por Guará: mesmo conhecendo muitas variedades, a sua

² Informação concedida por Guará, agricultor, em Espera Feliz (MG), no dia 14 de fevereiro de 2021.

família prefere plantar uma só, porque, segundo ela, como o seu terreno é pequeno, é melhor garantir uma boa e seguir selecionando ano a ano. Assim, não se corre o risco de se misturar e perder a “qualidade”.

Confirmando o que dizem os especialistas (ALTIERI; NICHOLLS; MONTALBA, 2017; TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015), a “qualidade” dessas sementes crioulas - as características específicas selecionadas por agricultores(as) ao longo dos anos - é resultado de uma complexa interação entre fatores ambientais e culturais relacionados às condições locais.

Quando comparados às variedades de milho, os feijões não receberam muita ênfase durante as entrevistas, apesar da sua importância inquestionável para a segurança e a soberania alimentares das famílias (OLIVEIRA *et al.*, 1996). Ao serem indagados(as) sobre os feijões, os(as) agricultores(as) relataram plantar pelo menos uma variedade todo ano e, em alguns casos, mais de duas. Nas fotografias, esse cultivo estava quase sempre presente nas entrelinhas do café e, em alguns casos, em consórcio com o milho, evidenciando a importância dessa cultura no dia a dia das famílias.

Além disso, os relatórios de intercâmbios agroecológicos possuem registros sobre estratégias de conservação de sementes crioulas de feijão. Um agricultor de Divino disse que cultivava anualmente 11 tipos (ELTETO, 2019). Em um desses documentos, por exemplo, outro participante da atividade, realizada no mesmo município, relatou não precisar de veneno para conservar o feijão, pois a terra de formigueiro tem efeito bom. Recomendou ainda fazer a “cura” antes da lua nova de agosto para conservar melhor a semente. Durante a entrevista com Guaxe, o agricultor contou que mistura pimenta do reino ao feijão, que será guardado em caixotes, até o próximo plantio. Essas formas de conservação e armazenamento das sementes crioulas expressam significados-usos baseados nas vivências desses(as) agricultores(as) com o agroecossistema no qual estão inseridos(as), evidenciando o vínculo entre o lugar, a experiência e o conhecimento (ESCOBAR, 2005a).

A presença do feijão nas paisagens e nos pratos dos(as) agricultores(as) familiares camponeses(as) da Zona da Mata mineira é inegável. Entretanto, quando abordamos a temática das sementes crioulas, o primeiro alimento a ser mencionado, na maioria dos casos, é o milho, que sofre uma ameaça direta com os plantios transgênicos. Por ser uma planta que realiza fecundação cruzada, as variedades estão constantemente expostas à contaminação por transgenes (FERNANDES; ALMEIDA, 2007). Elteto (2019), ao realizar testes de detecção de fluxo gênico para avaliar a contaminação em 24 variedades locais de milho coletadas no município de Divino, constatou que pelo

menos duas apresentaram resultado positivo. Por se tratar de uma mistura que foge, muitas vezes, do controle dos(as) agricultores(as), a valorização das sementes crioulas de milho talvez seja diretamente proporcional ao risco de contaminação e à consequente possibilidade de perda das variedades. Conforme menciona Guará, a piora na “qualidade” se relaciona às características usadas pelos(as) os(as) agricultores(as) para selecionar, cultivar e guardar as sementes ao longo dos anos.

Apesar da presença marcante dessas três culturas, conforme relatado durante as entrevistas, evidencia-se que a agrobiodiversidade é uma expressão da relação cultura/natureza nas paisagens agroecológicas, pois: a) há grandes variedades de milho e feijão apresentadas pelos agricultores; e b) outros cultivos também estão bastante presentes nos quintais, muitas vezes, consorciados com o café. Nas entrevistas, com uma certa frequência, foram mencionadas outras culturas alimentícias, como a da abóbora, a do inhame, a da “batatinha”, a da banana e a da mandioca. A diversidade desses sistemas agrícolas relaciona-se com a das variedades crioulas, que estão em um permanente processo evolutivo nesses agroecossistemas (CUNHA, 2013).

Segundo Toledo, Barrera Bassols e Boege (2019), a diversidade é sinônimo de evolução. Isso porque a agrobiodiversidade é fruto de um processo de adaptações específicas do local, realizadas ao longo do tempo, resultantes de um conhecimento ecológico dos(as) agricultores(as) e da coprodução (PLOEG, 2005). Assim, cada um(a) dos(as) agricultores(as) cultiva e conserva variedades, que apresentam melhores condições de adaptação ao contexto no qual está inserido(a), o que se reflete também em uma flexibilidade frente às condições ambientais e aumenta a resiliência desses sistemas (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015). A diversidade e a complexidade estão ligadas ainda às diferentes formas de manejo e aos significados-usos relacionados às demais culturas inseridas nesses consórcios, além das do café, do milho e do feijão.

As falas de alguns(mas) agricultores(as), registradas nos relatórios de intercâmbios agroecológicos, expressam, por exemplo, que a bananeira, plantada também nas lavouras de café, pode ser utilizada tanto para a alimentação dos seres humanos e não humanos como para a adubação do solo. Entre os(as) agricultores(as) entrevistados(as), há aqueles(as), como muitos outros camponeses da Zona da Mata, que, além dos cultivos vegetais, dedicam-se também à criação animal, principalmente de bovinos de leite, suínos e aves.

Portanto, a preocupação com a alimentação animal está sempre presente. De acordo com a observação desses(as) agricultores(as), o uso das folhas de bananeira (se parcimonioso) na alimentação de bovinos contribui para aumentar a produção de leite. O consumo diário, no entanto, não é recomendado, pois pode ser prejudicial aos animais. Outros(as) agricultores(as) da Zona da Mata, por sua vez, destacam a utilização do pseudocaule da bananeira durante o inverno, quando há escassez de alimentos, sem apontar qualquer consequência negativa para a saúde animal (FURTADO, 2016).

Além da banana, a batata-doce, a mandioca e outros produtos citados nas entrevistas podem ser usados tanto para a alimentação humana quanto para a das criações (MALUF, 1999). Da mandioca, por exemplo, são oferecidas as folhas e da batata-doce, as ramas. Esses saberes locais carregam significados-usos, que não necessariamente seguem a lógica hegemônica moderna capitalista (ESCOBAR, 2005a). Acabam, portanto, por expressar outras cosmovisões.

Há dois anos, Sanhaçu, um dos entrevistados, conseguiu sementes não transgênicas de soja e começou a plantá-las como alternativa ao farelo transgênico, que comprava anteriormente. O agricultor relata ter tido sucesso. Sanhaçu processa minimamente o grão para oferecê-lo aos animais: “Eu esquento ela um bocado, torro ela um pouco e depois passo na picadeira junto com o milho” (informação verbal)³. Essa prática é importante, porque a soja possui fatores antinutricionais quando fornecida diretamente sem qualquer preparo, seja térmico ou físico (GOES; SILVA; SOUZA, 2013).

Esses significados-usos são construídos a partir da experiência cotidiana da observação, da interação e da afecção com outros seres vivos e não vivos e se refletem nas formas de cultivo, conservação, consórcios e manejos. São expressões culturais baseadas nos conhecimentos locais sobre a natureza, que, além da experiência da observação, reúnem memórias bioculturais mantidas, transmitidas e aperfeiçoadas ao longo do tempo (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS; BOEGE, 2019).

A partir das falas dos(as) agricultores(as) familiares camponeses(as), percebeu-se que a agrobiodiversidade é compreendida como um indicador de equilíbrio dos próprios agroecossistemas e está associada à qualidade dos mesmos. É também um valor estético construído na relação entre cultura/natureza. A agrobiodiversidade compreende, além das culturas agrícolas,

³ Informação concedida por Sanhaçu, agricultor, em Divino (MG), no dia 26 de maio de 2021.

as florestais. Nos sistemas agroflorestais com o café, os(as) agricultores(as) deixam que as árvores cresçam espontaneamente e realizam o manejo a partir dos seus conhecimentos e interesses, por exemplo, em relação à compatibilidade com o cultivo, à sua beleza e à facilidade de manipulação (SOUZA *et al.*, 2010).

Essa análise e essa percepção dos agroecossistemas estudados na Zona da Mata estão de acordo com o pensamento de Giraldo e Toro (2020). Segundo os autores, os agroecossistemas agroecológicos na América Latina evidenciam um sentido estético da diversidade, exemplificado no consórcio das culturas alimentícias com espécies nativas, nas flores que cercam as lavouras, na diversidade de cores das sementes crioulas e no colorido das aves visitantes. Essas características representam os agroecossistemas agroecológicos da Zona da Mata, conforme se observa na fala de Guará:

Pega qualquer semente que você come e planta, planta num vaso de flor pra vê se vai nascer e faz a muda. Semente de mamão, se eu como um docinho, vou jogando [a semente] pela lavoura, jogo na propriedade. Porque nasce certas frutas na propriedade, porque o passarinho come e joga, a gente tem que ser igual passarinho, comeu a fruta, joga lá pela lavoura com certeza e vai nascer, abóbora, ameixa, goiaba, certeza que só jogar na terra que ela multiplica. Você quer ter pé de fruta na propriedade, joga a semente que vai nascer, marca o local pra não roçar, não cortar e ali vai nascer. A multiplicação das sementes começa assim (informação verbal)⁴.

De acordo com o entrevistado Macuco, “se preservar a flora, a fauna afloral”. Assim, para os(as) camponeses(as) agroecológicos(as) aqui apresentados(as), a diversidade da fauna é um aspecto importante, pois ela também é um agente dos agroecossistemas. Agricultores(as) mencionam, nos intercâmbios analisados, que, quando aparece uma colmeia no meio da lavoura, não a retiram, porque as abelhas podem contribuir para a polinização das plantas. Para eles(as), até as formigas “são valorosas companheiras!”. Todo esse cuidado se reflete no colorido e na beleza dessas paisagens da Zona da Mata, como pode ser visto nas fotografias (Figura 2), que Pavó compartilhou com esta pesquisa.

⁴ Informação concedida por Guará, agricultora, em Espera Feliz (MG), no dia 14 de Fevereiro de 2021.

Figura 2 – Cores e paisagens dos agroecossistemas da Zona da Mata (MG)



Fonte: Pavó, 2021.

Essas fotografias expressam a relação do agricultor com a diversidade e as belezas contidas nas paisagens do seu agroecossistema. As imagens indicam as percepções estéticas do entrevistado, os seus sentidos, a sua sensibilidade e o seu afeto com o ambiente (GIRALDO; TORO, 2020). As paisagens são resultado da relação desses(as) agricultores(as) com os agroecossistemas e se refletem em uma diversidade ecológica carregada de significados-usos (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015).

Benedito, que conheceu e se encantou pelos sistemas agroflorestais quando participava da Pastoral da Juventude Rural (PJR) de Divino, contou, durante a nossa conversa, que “vem aprendendo com o tempo” que cada terreno é de um jeito e que o café precisa da quantidade certa de sol. Então, na sua propriedade, precisou diminuir o número de árvores na lavoura, já que é uma área que recebe pouca iluminação. A partir da sua observação, foi retirando algumas espécies do sistema e deixando outras.

A diversidade dos agroecossistemas agroecológicos da Zona da Mata expõe um aprendizado constante dos(as) agricultores(as) familiares camponeses(as), por exemplo, a partir da necessidade de se observar e de se perceber qual espécie se equilibra com outra dentro de um consórcio. Nos intercâmbios agroecológicos, os agricultores(as) familiares, recorrentemente, relatam que foi preciso aprender quais “árvores são boas” para o plantio com o café.

As espécies adequadas, para esses(as) agricultores(as), são aquelas que não sombreiam muito o café e que produzem matéria orgânica. Portanto, “não prejudicam o café”. Esses e outros critérios de seleção foram

apontados durante a sistematização participativa das experiências com os Sistemas Agroflorestais (SAFs) na região (SOUZA *et al.*, 2010) and are aware of how to adequately manage these species. This challenge was tackled in the Atlantic Rainforest biome (Brazil. Foram indicadas mais de 80 espécies compatíveis com o café, a exemplo do ingá (SOUZA *et al.*, 2010) and are aware of how to adequately manage these species. This challenge was tackled in the Atlantic Rainforest biome (Brazil. De acordo com alguns(mas) agricultores(as), quando a árvore faz bem para a lavoura, o café embaixo fica “bonito e verdinho”.

Entretanto a conversa com Benedito revelou como essas percepções também são muito específicas e refletem as condições ambientais de cada lavoura, além dos desejos e das necessidades de cada família. Essas condições próprias também ficaram evidentes no depoimento de Tiê, que, ao comparar a sua propriedade com a da sua mãe – localizada no mesmo município, reforçou que os manejos são diferentes e que é preciso “respeitar o tempo do terreno”.

Assim, mesmo que haja pontos em comum nas paisagens manejadas pelos(as) agricultores(as), fica evidente que a relação com o agroecossistema é muito específica. Isso se mostra na diversidade biológica dos locais, mas também nas variedades das sementes crioulas, selecionadas de acordo com as necessidades de cada um desses sistemas agrícolas.

A coexistência de diferentes jeitos de se relacionar com os agroecossistemas, aqui analisados a partir das categorias de significados-usos e percepções estéticas, revela outras posturas ontológicas, que percebem o mundo para além de uma perspectiva moderno-capitalista. Essa constatação pode ser notada, por exemplo, quando Tiê expressa a importância de se respeitar o tempo do terreno ou quando Guará relata que o trabalho em sua propriedade é feito por toda a família e também pela própria natureza, como os pássaros que colaboram no plantio das frutíferas.

Tanto nas entrevistas quanto nos materiais documentais, no entanto, percebe-se que essas diferentes formas de se relacionar com o agroecossistema são limitadas quando não se é dona da terra e se trabalha como meeiro⁵. A falta de liberdade está representada na fala do Catirumbava, que expressa a sua dificuldade de cultivar da forma como considera coerente, porque o patrão não permite:

⁵ Agricultor que trabalha em terras de outra pessoa e reparte os seus rendimentos com o proprietário da terra.

Porém como a gente mora de meeiro aqui em baixo, a área tem que ser sempre uma área pequena por causa de capina e o patrão não gosta de mato, eles acham que mato é problema e na verdade é a defesa da terra como nossos cabelos, tem que deixar espaço pro mato. Aí a gente tem plantado pouco [milho crioulo] (informação verbal)⁶.

Os desenhos agroecológicos dessas paisagens da Zona da Mata simbolizam uma resistência ontológica (ESCOBAR, 2015). Resistência que melhor se expressa quando se tem acesso à terra e liberdade para sentir, possuir afeto e estabelecer uma correlação com o agroecossistema: aprender, viver e conviver com ele. Segundo um agricultor agroecológico de Araponga, “é na nossa terra que temos a liberdade para experimentar, para errar e acertar. É assim que se aprende realmente a lidar com essa mãe que nos dá o sustento” (pesquisa documental)⁷.

As paisagens agroecológicas da Zona da Mata são mosaicos, que exprimem a diversidade dos agroecossistemas da agricultura familiar. Essas paisagens resistem à monocultura do café e ao *lobby* da indústria agrícola. Mesmo sob a pressão moderno-capitalista, os(as) agricultores(as) estabelecem diversidades biológicas, genéticas e paisagísticas nas propriedades.

Devido a esses fatores, os sistemas agroecológicos da região podem ser considerados resilientes, uma vez que essa característica, na atualidade, está associada a áreas com alto grau de interação ecológica, o que possibilita uma maior sustentabilidade dos agroecossistemas (ALTIERI; NICHOLLS; MONTALBA, 2017).

As sementes crioulas também fazem parte dessa paisagem diversa e simbolizam a resistência e a resiliência. A variabilidade genética e a memória biocultural são fundamentais no manejo agroecológico. Essas sementes são fruto de significados-usos e da percepção estética de agricultores(as) em relação ao agroecossistema no qual estão inseridos(as), além das crenças e da ancestralidade advindas do tempo, da história e da memória do lugar.

3.2 AS CRENÇAS E A ANCESTRALIDADE NA CONSERVAÇÃO DAS SEMENTES

Para esses(as) agricultores(as) familiares camponeses(as), o manejo dos agroecossistemas é coletivo e envolve os seres humanos, os não-humanos e Deus, considerando toda a complexidade presente nessas relações, incluindo, por exemplo, a terra também como um elemento

⁶ Informação concedida por Catirumbava, agricultor, em Espera Feliz (MG), no dia 04 de Maio de 2021.

⁷ Informação retirada da pesquisa documental.

sagrado. Jacu, entrevistado de Espera Feliz, conta que queria muito uma braúna em sua propriedade e, espontaneamente, uma nasceu na lavoura. O agricultor compreendeu o acontecimento como “fruto da força da vontade e do desejo”. Nos relatos desta pesquisa, os não humanos são mencionados como dotados de agência e construtores dos agroecossistemas, assim como os próprios humanos.

O exemplo de Jacu nos indica que as percepções estéticas e os significados-usos relacionados aos agroecossistemas mostram uma relação com a natureza incapaz de ser compreendida a partir da perspectiva ontológica predominante na modernidade. Essa relação é conduzida por cosmovisões, em que as crenças, a espiritualidade e as memórias dos antepassados e da infância são fundamentais (PORTO-GONÇALVES, 2012; TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015).

Os(as) agricultores(as) entendem, observam e sentem as dinâmicas ecológicas dos agroecossistemas partir de um sistema formado pelos conhecimentos (*corpus*), pelo conjunto de práticas produtivas (*práxis*) e pelas crenças (*kosmos*) (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015). Estas se manifestam, por exemplo, no respeito à terra e na compreensão dela como mãe. Essa noção está expressa na fala de uma agricultora, participante dos intercâmbios em Divino: “Devemos cuidar da terra, que ela sendo nossa mãe, e lugar de onde tiramos tudo que precisamos, devemos tratá-la com muito carinho e respeito” (pesquisa documental)⁸. Para alguns(mas) camponeses(as), a terra retribui o carinho, o amor e o respeito com a beleza da propriedade e dos agroecossistemas.

O cultivo e a conservação de variedades crioulas não estão dissociados das dinâmicas ecológicas, que envolvem o manejo dos agroecossistemas, uma vez que as sementes são resultado dos conhecimentos, das práticas e de um conjunto de crenças (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015), que envolvem a relações dos(as) agricultores(as) com as características ambientais e culturais dos territórios nos quais estão.

As sementes crioulas aumentam a diversidade genética dos agroecossistemas, promovendo a resiliência necessária frente, por exemplo, às mudanças climáticas e à rápida emergência de pragas e doenças, que afetam diretamente a lavoura (ALTIERI; NICHOLLS; MONTALBA, 2017). Além disso, constituem-se como uma forma de resistência diante do pacote tecnológico da agricultura, que demanda o uso de agrotóxicos cada vez

⁸ Informação retirada da pesquisa documental.

mais (CUNHA, 2013). As variedades crioulas potencializam as interações ecológicas entre os seres humanos, as plantas, os animais e o solo (ALTIERI; NICHOLLS; MONTALBA, 2017).

Porque o que eu vejo que essa semente eles estão tendo um processo com elas que só sai, se você jogar veneno na propriedade, então isso não é o foco da gente, o foco da gente é você lançar semente e com a própria terra, com os seus microrganismos, com os seus próprios produtos orgânicos das folhas das bananeiras, de um cacho de banana que você deixa cair lá e vai apodrecendo, até com a roçagem, ela já cai ali, já tem a proteínas delas e isso para multiplicar a semente boa (informação verbal)⁹.

O cultivo e a conservação das sementes estão também associados à cosmovisão camponesa. Segundo Guaxe, cultivá-las é um dom, porque a história das sementes é igual à dos(as) agricultores(as), uma vez que a Mãe Terra é quem alimenta ambos. Portanto, as variedades crioulas são fruto também do trabalho coletivo envolvendo seres humanos e não humanos (PLOEG, 2005).

As sementes se relacionam ainda à ancestralidade. De acordo com Guaxe, as histórias das sementes devem ser valorizadas e conservadas para que os seus netos e bisnetos possam conhecê-las. Já Araçari diz que são uma “reliquia”, uma herança proveniente dos avôs e que ele guarda, cultiva e conserva: “Tem mais de quarenta anos que eu vivo com essas plantas, veio dos meus avôs esses milhos. Aí passou pro meu pai e do meu pai passou pra mim e eu tô segurando elas” (informação verbal)¹⁰.

Para a maioria dos(as) entrevistados(as), a relação com as sementes foi herdada da mãe e do pai, que também eram ou são agricultores. Tangara, que é natural de Santa Catarina e se mudou para Divino para construir uma vida com Tiê, trouxe da sua terra natal as sementes de alho e de “batatinha”, que sua mãe planta há 22 anos. Para Gaturamo, as variedades crioulas têm uma ligação direta e afetiva com o pai. As sementes, nesses casos citados, são, portanto, um elo com os antepassados. Junto a elas, são herdados saberes e experiências, acumulados nas memórias de homens e mulheres (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015).

Essas memórias representam uma resistência frente à agricultura moderna capitalista e são fundamentais para a manutenção das sementes crioulas. São também uma importante ferramenta de transmissão de

⁹ Informação concedida por Guará, agricultora, em Espera Feliz (MG), no dia 14 de fevereiro de 2021.

¹⁰ Informação concedida por Araçari, agricultor, em Divino (MG), no dia 26 de maio de 2021.

conhecimentos de sociedades marginalizadas, pois as suas histórias e os seus modos de vida não são representados no pensamento hegemônico. Assim, essas memórias são particulares, simbólicas e estão em constante evolução (SANDES, 2010).

As sementes crioulas, além de um elo dos(as) agricultores(as) familiares camponeses(as) com as suas ancestralidades, não estão dissociadas dos sistemas de crenças desses atores sociais, como se observa na seguinte história de Catirumbava:

Meu pai, ele só comia desse feijão-verde e ele sempre falava pra gente que ele gostava do feijão-verde, porque o verde representa a esperança, é sempre importante a gente nunca perder aquela sementinha e quando você olhasse pra ela, por mais difícil que você tivesse, problema que você tivesse passando, você lembrava dela ali como uma esperança, esperança que ela vai te alimentar, ela vai te sustentar para que você consiga seus objetivos pra frente, ele sempre falava pra gente: nunca perca essa semente de feijão. E o que ele falava era o que o pai, meu vô, que passava pra ele, né?! Então, a gente sempre teve, só que agora meu irmão tem uns cinco anos que a gente tinha perdido ele, aí meu irmão conseguiu a semente essa última planta agora, ele plantou lá pra gente ter ela de volta, que a gente acabou perdendo essa semente numas mudanças que a gente fez. E sempre, ele já faleceu já tem uns tempos já, sempre que eu vejo esse feijão eu lembro dele, a gente passou um perrengue com o meu garoto com diabetes tipo 1, ele ficou em coma e a gente sempre pegava alguma coisa pra se segurar, aí nesse momento difícil eu lembrei do feijão, aí falei com meu irmão a gente tem que conseguir esse feijão, sabe?! A gente conseguiu garrar naquela esperança e, graças a Deus, meu filho tá ótimo, tá brincando, tá bem e eu acho bacana isso de você alimentar da esperança. E eu não via, comecei a ver o feijão, principalmente eu só mais ligado ao feijão por causa da história que ele passou pra gente, essa de você alimentar da esperança (informação verbal)¹¹.

O cultivo e a conservação das sementes crioulas, como fica evidente nessa fala, estão ligados a relações simbólicas altamente complexas. Nelas, seres vivos, não vivos e sobrenaturais não constituem domínios distintos e separados (ESCOBAR, 2005b). O feijão-verde segue sendo cultivado e conservado por Catirumbava e pelo seu irmão em função do valor simbólico e da memória do pai, o que alimenta a esperança deles no enfrentamento aos desafios e às dificuldades da vida. Portanto, o cultivo e a conservação das sementes crioulas estão orientados por um sistema de crenças (TOLEDO;

¹¹ Informação concedida por Catirumbava, agricultor, em Espera Feliz (MG), no dia 04 de maio de 2021.

BARRERA-BASSOLS, 2015), que, no caso do Catirumbava, passou do seu avô para o seu pai e do seu pai para ele e para o seu irmão.

Assim, a ancestralidade e as crenças permeiam a relação desses(as) agricultores(as) familiares camponeses(as) com as sementes e, conseqüentemente, a forma como interagem e concebem os seus agroecossistemas. Segundo Escobar (2017), a ancestralidade nasce da memória viva, que permite preservar esses outros mundos e cosmovisões, que não são compreendidos dentro de uma perspectiva moderna. Perceber esses componentes, como as crenças e as memórias dos antepassados, é romper com uma perspectiva ontológica moderna, que coloca a capacidade de agência apenas no “eu” humano, distante de outros seres vivos e não vivos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação cultura/natureza está expressa na beleza, nas cores e na diversidade dos agroecossistemas agrocológicos, que são resultantes de processos coevolutivos, sustentáveis e sinérgicos. Pode-se dizer que as sementes crioulas e os agricultores(as) familiares camponeses(as) trabalham mutuamente na construção de tais sistemas.

A diversidade é uma variável valiosa para muitos(as) agricultores(as) familiares camponeses(as), entretanto, para além de haver muitas variedades crioulas, o importante é ter a sua, fruto da interação cultura/natureza e de um trabalho de seleção ao longo de anos e que carrega consigo uma história e a capacidade de adaptação às condições ecológicas e às necessidades materiais e espirituais próprias. Portanto, pode-se dizer que as sementes crioulas são resultado de um complexo conhecimento ecológico e das condições locais. Sendo assim, representam uma expressão da memória biocultural.

A memória biocultural desses(as) agricultores(as) camponeses(as) da Zona da Mata manifesta conhecimentos reveladores de outras formas de se relacionar com os ecossistemas e de viver e habitar o território, que, muitas vezes, evidenciam cosmologias não correspondentes às perspectivas de sucesso e desenvolvimento definidas pela sociedade moderna capitalista (ligada diretamente à agricultura hegemônica mundial). A manutenção, o resgate e o cuidado com as sementes crioulas, com os seus agroecossistemas e com as suas formas particulares de se fazer agricultura constituem funções sociais e ambientais, que podem ser potencializadas por políticas públicas de desenvolvimento rural.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J. S. V.; VERCH, A. G. F.; KUBO, R. R. Participação e desenvolvimento rural: reflexões sobre o fazer pesquisa e extensão permeado pela imagem. **Desenvolvimento, Agricultura e Sustentabilidade**, [s. l.], p. 1-38. 2016.
- ALTIERI, M. A.; NICHOLLS, C. I.; MONTALBA, R. Technological approaches to sustainable agriculture at a crossroads: An agroecological perspective. **Sustainability (Switzerland)**, California, v. 9, n. 3, p. 1-13, 2017.
- CUNHA, F. L. **Sementes da paixão e as políticas públicas de distribuição de sementes na Paraíba**. 2013. 185 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Práticas em Desenvolvimento Sustentável, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- DESCOLA, P. Além de natureza e cultura. **Tessituras**, Pelotas, v. 3, n. 1, p. 7-33, 2015.
- ELTETO, Y. M. **As sementes crioulas e as estratégias de conservação da agrobiodiversidade**. 2019. 155 f. Dissertação (Mestrado em Agroecologia) – Programa de Pós-Graduação em Agroecologia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2019.
- ESCOBAR, A. Construction nature: Elements for a post-structuralist political ecology. **Futures**, [s. l.], v. 28, n. 4, p. 325-343, 1996.
- ESCOBAR, A. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? *In*: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005a. p. 133-168.
- ESCOBAR, A. Depois da natureza: passos para uma ecologia política antiessencialista. *In*: PARREIRA, C.; ALIMONDA, H. (org.). **Políticas Públicas Ambientais Latino-Americanas**. Brasília, DF: FLACSO, 2005b. p. 17-64.
- ESCOBAR, A. Territorios de diferencia: la ontología política de los “derechos al territorio”. **Cuadernos de Antropología Social**, Buenos Aires, n. 41, p. 25-37, 2015.
- ESCOBAR, A. Sustaining the pluriverse: the political ontology of territorial struggles in Latin America. **The Anthropology of Sustainability**, [s. l.], p. 237-256, 2017.
- FAO. **The State of the World’s Biodiversity for Food and Agriculture: commission on genetic resources for food and agriculture food and agriculture organization of the United Nations**. Rome: FAO-UN, 2019.

- FERNANDES, G. B.; ALMEIDA, P. A ameaça dos transgênicos. **Revista Agriculturas**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 26-31, 2007.
- FURTADO, S. D. C. **Manejo de bovinos em unidades familiares em transição agroecológica**. 2016. 139 f. Tese (Doutorado em Medicina Veterinária) – Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2016.
- GERHARDT, T. E. *et al.* Estrutura do projeto de pesquisa. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Ed.). **Métodos de pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre: EDUFRGS, 2009. p. 67–90.
- GIRALDO, O. F.; TORO, I. **Afectividad ambiental: sensibilidad, empatia, estéticas del habitar**. Chentunal, México: Ecosur, 2020.
- GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001.
- GOES, R. H. T. E B.; SILVA, L. H. X.; SOUZA, K. A. **Alimentos e alimentação animal**. Dourados: Editora da UFGD, 2013.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 1994.
- LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 137-155.
- MALUF, W. R. A batata-doce e seu o potencial na alimentação humana, na alimentação animal, e na produção de etanol biocombustível. **Revista Cultura**, São Paulo, p. 1-13, 1999.
- MYERS, N. *et al.* Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature** 403, [s. l.], p. 853–858, 2000.
- OLIVEIRA, E. P. **A importância do café na formação da renda agrícola na Zona da Mata, Minas Gerais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1985.
- OLIVEIRA, R. R. **Meios de vida e produção de alimentos: quando a paisagem diversifica, o prato fica colorido**. 2013. 185 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Programa de Pós-graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2013.
- PLOEG, J. D. O modo de produção camponês revisitado. **A diversidade da agricultura familiar**, [s. l.], p. 13-54, 2005.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. A ecologia política na América Latina: reapropriação social da natureza e reinvenção dos territórios. **INTERthesis**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 309-321, 2012.
- QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad-racionalidad. **Perú indígena**, Lima, v. 13, n. 29, p. 60-70, 2014.

SANDES, N. F. 1930: Entre a memória e a história. **História Revista**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 143-160, 2010.

SANTILLI, J. A Lei de Sementes brasileira e os seus impactos sobre a agrobiodiversidade e os sistemas agrícolas locais e tradicionais. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.**, Belém, n. 2, p. 457–475, 2012.

SANTOS, M. A redescoberta da natureza. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 6, n. 14, p. 95–106, 1992.

SOUZA, H. N. *et al.* Selection of native trees for intercropping with coffee in the Atlantic Rainforest biome. **Agroforestry Systems**, London, v. 80, n. 1, p. 1-16, 2010.

TEIXEIRA, H. M. *et al.* Understanding farm diversity to promote agroecological transitions. **Sustainability**, Geneve, v. 10, n. 12, p. 1-12, 2018.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **La memoria biocultural: la importancia ecológica de las sabidurías tradicionales**. Barcelona: Icaria Editorial, 2008.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N.; BOEGE, E. **¿Qué es la Diversidad Biocultural?**. Ciudad de México: Unam, 2019.

ULLOA, A. Concepciones de la naturaleza en la antropología actual. **Ecología y paisajes. Miradas desde Canarias**, [s. l.], p. 213–233, July 2009.

WILSON, A. J. **Sistemas de cultivos agroecológicos: decolonialidade e resistência**. 2021. 156 f. Dissertação (Mestrado em Agroecologia) – Programa de Pós-Graduação em Agroecologia, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2021.

ZANELLI, F. V. *et al.* Intercâmbios Agroecológicos: Aprendizado coletivo. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v. 36, n. 1, p. 104–113, 2015.